

VÍNCULO
ROMPIDO

RICARDO F. M. BITTENCOURT

VÍNCULO ROMPIDO



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Ricardo F. M. Bittencourt, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bittencourt, Ricardo F. M.

O vínculo rompido / Ricardo F. M. Bittencourt – 1ª edição

– São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-81-6

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia 3. Mistério



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340

www.editoracoerencia.com.br

Tel.: (11) 9.8020-0810

*Para Fátima, Valdecir e Eduardo.
O vínculo mais forte que pode existir é o de nossa criação.*

Édipo

Ai de mim! Como sou infeliz! Aonde vou? Aonde vou?

Em que ares minha voz se ouvirá?

Ah, Destino, em que negros abismos me lanças?

Corifeu

*Num turbilhão de imensa dor,
insuportável até na descrição, até à simples vista!*

Édipo rei de Sófocles, Trajano Vieira

Can it be that all us heroes have a path but not a plan?

The labyrinth song, composição de Asaf Avidan

*Aquele que deseja continuamente “elevar-se”
deve esperar um dia pela vertigem.*

A insustentável leveza do ser, Milan Kundera

AGRADECIMENTOS

Doze anos é muito tempo.

Foi ao longo desse período, exatamente metade de minha vida, que esta história ganhou forma, não sem a ajuda de muitas pessoas.

Meu primeiro obrigado devo aos meus pais, Fátima e Valdecir, a quem este livro é dedicado, e os quais me deram incessável apoio, desde que incutiram em mim o gosto pela leitura até o dia em que enfim pude lhes dizer: “Meu livro será publicado!”. Também a meu irmão, Eduardo, que — espero — um dia poderá ler esta história e se divertir com ela tanto quanto eu me diverti. A Seloni, Eliziane, Cristiane, Jeferson, Théo e Livia por todo o amor e suporte.

A meus amigos, Nicole e Adilson. Ela, por ter dado o empurrãozinho necessário à materialização deste sonho; ele, pelos puxões de orelha e por me fazer rir em todos os momentos que precisei.

Além disso, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minhas criações literárias. Rúbia, Rafael Cola, Rafael Dias, Thifany, José, Samanta, Evelyn — a *outra* Aneesa —, Vitória e tantos mais que me ouviram tagarelar e, com isso, insuflaram minha imaginação mesmo quando criança.

Por fim, à equipe da editora Coerência, que viabilizou esta jornada.

PARTE I
UM LEGADO DESCONHECIDO

1

TUDO SOBRE MEU PAI

ANIELSA

Ao sair para correr naquela manhã, não pretendia visitar o túmulo de Jordan Glame. No entanto, involuntariamente, meus passos me guiaram até o cemitério e, antes que pudesse me dar conta, estava aos pés da sepultura do homem que se dizia meu pai remoendo uma vez mais nossa última conversa.

— Por que você está aqui? — perguntei a mim mesma depois de encarar a lápide por algum tempo.

Não sei.

— É a terceira vez desde que ele foi enterrado — sussurrei em retorno em uma tentativa de me convencer de que ir embora era a melhor opção.

Não adiantaria de nada permanecer ali.

Preciso entender. Dessa vez não falei em voz alta, pois não queria chamar a atenção das duas mulheres que caminhavam por perto.

Adquirira o hábito de falar sozinha quando tinha uns doze anos. Naquela época, o silêncio se tornara tão incômodo que, às vezes, era impossível suportá-lo. Para não ter de lidar com ele, bolara um método bastante simples, mas eficaz.

No início, repassava os principais acontecimentos do meu dia a dia, por mais monótonos que fossem. Tecia comentários sobre os colegas de escola, enumerando quais das garotas eram as mais fúteis e quais dos meninos enchiam mais o meu saco. No fim, era difícil não haver um empate,

no qual todos acabavam em primeiro lugar. Ria bastante disso. E essa era apenas a lista da escola.

Um bom tanto de coisas me aborrecia, a começar por aquele cujo nome se lia na lápide. Na verdade, cabia a ele a culpa de eu falar comigo mesma. Sempre fora como se ambos vivêssemos em um gigantesco estádio de futebol americano; quanto mais jardas existissem entre nós, pior seria a comunicação. Jordan jamais fazia esforço algum para sair da sua distante linha de gol e se aproximar da minha. Em contrapartida, eu nunca tivera a menor disposição de gritar para que ele me ouvisse.

Todas as noites, ao chegar em casa, vindo direto da universidade na qual lecionava, Jordan mantinha o semblante fechado numa expressão de perpétuo cansaço. Lembro-me de que desde pequena, ao ouvir a chave girando na fechadura, sentia-me profundamente constrangida, como se não pertencesse àquela casa, como se fosse uma invasora prestes a ser descoberta. Porém, ainda que eu *fosse* uma intrusa, uma desconhecida metida num traje preto e usando balaclava, ou mesmo o próprio *alien* do clássico de 1979, eu continuaria recebendo a mesma atenção, o mesmo olhar indiferente acompanhado das mesmas palavras vazias... Nada mais que um obstáculo inofensivo no caminho de Jordan até o seu escritório, onde, após entrar, despiu o surrado paletó e trancava a porta — não sem antes lançar um “obrigado” à Sra. Muñoz, que cuidava de mim sempre que ele estava fora.

Em questão de segundos, eu ficava sozinha mais uma vez e a quietude tomava conta de todo o apartamento, exercendo seu peso, espalhando como uma descarga elétrica o desespero. Era infernal, o silêncio quase parecia corpóreo. Eu ligava a televisão na esperança de me distrair, mas não obtinha sucesso algum. Podia tentar qualquer coisa, e nada surtia o efeito necessário para me fazer relaxar.

Eu *precisava* falar, precisava de uma companhia que fosse mais que mera presença física, precisava de um som, um som humano, qualquer coisa bastaria. Ah, como era diferente quando a Sra. Muñoz estava lá. Eu tagarelava sem parar, e ela realmente me ouvia, e interagia, e complementava meus pensamentos, e aconselhava, e... falava comigo. Apenas falava, sem nenhuma pretensão. Muito diferente da vez que eu fora até Jordan e

tentara contar a ele como havia gostado da aula de História daquela tarde — tinha pensado que o homem ficaria orgulhoso, afinal era a matéria que ensinava —, ao que ele, com um desinteresse imenso, repreendera-me por atrapalhá-lo enquanto estava trabalhando.

E fora justamente essa necessidade de atenção que fizera com que em uma noite qualquer, na qual mais uma vez tudo se repetia, com meu peito prestes a explodir, eu me tornasse quem sou, e, sem gritar ou aumentar o tom da minha voz — pelo contrário, em um sussurro calmo e quase secreto —, deixasse escapar:

— Aneesa, já é hora de você dar um jeito nisso.

Fora como descarregar toneladas, e como se dessa mesma descarga se formasse outra Aneesa. Uma que a partir de então estaria sempre comigo, nunca me deixaria na mão. Eu havia me dividido. Por conveniência e necessidade, tornara-me duas. Portanto, repito, não fora um acontecimento trivial. Nunca se tratara do fato de falar sozinha por capricho; era, acima de tudo, uma questão de conservação. Compartilhar tudo que via e vivia comigo mesma se tornara algo exclusivo de minha personalidade. Já não era capaz de desvencilhar aquilo da cor de minha pele, ou da forma de meu cabelo, ou do modo como andava.

O problema fora que, ao longo dos anos, essa outra Aneesa passara a ser um organismo independente e, como tal, ter lá suas particularidades. A sinceridade era a principal delas. O fato de não ter coragem para expressar o que eu sentia diante de determinadas situações era amenizado por seus comentários. Ela passara a ralar com tudo e com todos, sem que ninguém pudesse ver nada além de uma fachada de pura indiferença. No entanto, a importância de cultivar um vínculo estreito com a autodefesa fizera a Aneesa original ir se retraindo, substituída pouco a pouco por seu par, o qual vinha à tona.

Essa transição, de início imperceptível, passara a machucar as pessoas, em geral de forma injusta e, quando eu percebera, já havia afastado todos aqueles que um dia significaram alguma coisa para mim. Perdas necessárias, danos obrigatórios... Uma justificativa? Acho que não. Porém, as coisas *funcionavam* daquele modo. A dor sempre precede o aperfeiçoamento, e por isso era possível ir adiante em segurança.

De repente, eu havia me tornado a versão mais segura de mim mesma.

A única ameaça à minha segurança, ironicamente, fora quem a motivava a existir. Com Jordan eu continuava sendo a Aneesa original, sempre pisando em ovos. A ele, não atrevia me revelar como era ou ser sincera conforme merecia.

Pelo menos até a última vez que o vira, algumas semanas antes.

Lembrava-me bem de como nosso desentendimento tinha começado: estávamos à mesa, jantando espaguete emborrachado — a comida de Jordan era intragável —, quando ele mencionara uma viagem que faria no dia seguinte, avisando que, durante sua ausência, eu ficaria com a Sra. Munõz. Não lhe dera muita atenção, é claro. Estava mais preocupada em fazer um pedido do que com ouvir explicações. Precisava do seu cartão de crédito para comprar alguns filmes, ao que ele apresentara relutância.

Caso a conversa tivesse acabado ali, seria apenas mais uma para acrescentar à longa lista de frustrantes tentativas de diálogo, mas o homem fora além: aproveitara a oportunidade para dizer que não me via preocupada com as coisas que *importavam* — tais como entrar em uma boa universidade, construir uma carreira etc. —, e aquilo fora o bastante para provocar a verdadeira Aneesa. À medida que Jordan falava sobre o quanto havia investido em minha educação e se esforçado para ser um bom pai, as duas de mim entraram em confronto, estapeando uma à outra para ver quem levaria a melhor, e no fim:

— Quer saber, Jordan, você é inacreditável! Durante todos estes malditos anos a minha vida foi um inferno. Você está muito longe de ser um bom pai. Aliás, você sempre esteve longe de no mínimo *ser* um pai. Então não se atreva, nem por um segundo, a cobrar que eu seja uma boa filha, porque é muito mais do que você merece!

Nisso eu ficara em pé, meu rosto parecia chamuscar. Jordan, pego de surpresa, nem ao menos conseguia expressar alguma reação. Seus olhos arregalados, por detrás das grossas lentes dos óculos, pela primeira vez estiveram *verdadeiramente* fixos em mim.

— Sabe o que eu acho? Você deve ter morrido com ela — prosseguira referindo-me à sua esposa, Augustine, que tinha falecido onze meses depois de eu ter sido adotada —, e, não contente em ter essa existência miserável, vem tentando me arrastar junto com você. Adivinhe só, aos poucos está conseguindo.

Estive pensando nessas palavras desde o exato momento em que as colocara para fora, o gosto agri-doce que deixaram ainda permanecia na minha boca. Ao mesmo tempo, uma sensação de triunfo e de culpa. Triunfo por enfim ter revelado a indignação oculta por tantos anos; culpa por ter permitido que essa fosse a última coisa que Jordan ouvira de mim.

No dia seguinte à nossa conversa, ele fora sequestrado junto de outras sete pessoas e levado a uma cabana aos pés da Montanha Brown, onde fora torturado por dias a fio, até receber o tiro que o colocara em coma.

É claro que, depois do ocorrido, eu ficara ao seu lado no hospital, a par de qualquer alteração em seu estado de saúde. O projétil atingira o intestino e ele perdera muito sangue. Por isso, mesmo com três procedimentos cirúrgicos, não fora possível salvá-lo. Ao cabo de uma semana, os médicos responsáveis pelo caso informaram que os recursos tinham se esgotado e me concederam uns minutos finais com meu pai, os quais gastáramos da maneira de sempre: em silêncio. Fora quando constatara, não sem pesar, que o homem desacordado naquela cama era familiar e, também, um completo desconhecido.

Jordan falecera na mesma noite. A notícia viera de maneira impassível. As enfermeiras pensavam que eu estava processando a informação, que a ficha demoraria a cair. Uma delas falara a respeito da primeira fase do luto. A questão era que eu não estava negando coisa alguma...

As lágrimas não têm o poder de carregar a tristeza consigo, e por ele não derramei uma sequer.



O apartamento em que morávamos não ficava tão distante do cemitério, de modo que, quinze minutos mais tarde, passei pela soleira da porta do antiquado prédio de apartamentos da rua South 41. Dentro do átrio, percebi logo que havia duas caixas à entrada de casa. Consequia vê-las de soslaio.

Movida pela curiosidade, subi depressa os degraus de madeira que conectavam o térreo ao primeiro andar, surpreendendo-me com a presença de um homem vestido num uniforme de uma transportadora. Estava apoiado na parede oposta à balaustrada; lá de baixo não era possível enxergá-lo.

— Bom dia — cumprimentei, chamando sua atenção.

O homem, até então concentrado na leitura de um jornal, ergueu a cabeça.

— Ah, bom dia. Aneesa Glame?

Fiz um gesto afirmativo em retorno. Ele, de sobressalto, puxou a prancheta que utilizava como apoio para o jornal e, após analisar algum documento, estendeu-a para mim junto com uma caneta.

— Essas encomendas são para o meu pai? — perguntei, apontando para as caixas e analisando a ordem de serviço.

Não era nada relacionado à universidade, constatei com estranheza.

— Não, estão endereçadas a você. A propósito, a ordem era que deveriam ser entregues em suas mãos.

Ergui as sobrancelhas e localizei meu nome nos papéis fixos à prancheta. Nenhum campo mencionava o remetente ou seu endereço e, para meu espanto, na última folha havia uma foto minha, a fim de que não houvesse dúvidas acerca da identidade do destinatário.

Estava prestes a falar alguma coisa quando a Sra. Muñoz abriu a porta de seu apartamento, resmungando algo desde antes de poder ser vista:

— ... falei que suas caminhadas matinais sempre demoravam um pouco, mas ele estava *decidido* a esperar por você. Fez uma algazarra infernal interferindo no apartamento do seu pai.

— Tudo bem, Regina — tranquilizei. — Só quero saber o que tem dentro dessas caixas. Quem as enviou?

— Não posso responder isso — desculpou-se o entregador, pronto para ir embora. — O destino dessas encomendas foi, para dizer o mínimo, conturbado. Mudou de última hora. No início, era para levá-las até a Cidade Velha, aqui mesmo, na Filadélfia, mas aí no sábado as pessoas que nos contrataram alteraram a rota para a rua South 41, número 45, apartamento 202. Não faço a menor ideia do que tem aí dentro, mas, confie em mim, é algo importante. — Ele me encarou enrolando o jornal. — De qualquer modo, são suas. Vai descobrir logo.

Assinei a ordem de serviço e a devolvi ao entregador.

— Bem, você não espera deixar esses trambolhos aí atravancando a passagem, espera? — queixou-se a Sra. Muñoz. — Pelo menos as coloque para dentro.

Destranquei a porta para que pudéssemos entrar. Tinha me esquecido de deixar a janela da sala de estar aberta, por isso a atmosfera no interior do apartamento estava sufocante devido ao calor e à poeira. Espirrei quase que imediatamente. Fazia uns três dias que havia estado ali pela última vez, muito embora tivesse evitado ao máximo ter de fazê-lo. A Sra. Muñoz tossiu de maneira exagerada.

— Neesa, este lugar precisa com urgência de ventilação!

E correu para afastar as cortinas e abrir as janelas, permitindo que a luz solar invadisse o aposento. Enquanto isso, o sujeito responsável pelas caixas as deixou, uma ao lado da outra, em cima do maior dos sofás; foi preciso um esforço sobremaneira. Pude então examiná-las com mais cuidado: não existia nenhuma etiqueta, nem mesmo quaisquer informações na superfície do papelão. Eram totalmente lisas, lacradas por uma grossa fita adesiva.

Ele retribuiu um agradecimento tímido de minha parte, passando-me o jornal que mais cedo o distraía.

— Isto é seu — informou, um tanto constrangido. — Estava do lado de fora. Tem uma matéria interessante sobre os assassinatos da Montanha Brown...

O massacre que vitimara Jordan havia se tornado o assunto favorito do país, e assim se manteria conforme perdurasse o mistério. Pensei duas vezes antes de apanhar o jornal; quem sabe fosse melhor manter minha mente isenta de todo aquele circo sensacionalista de símbolos estranhos e banhos de sangue... *A quem você está tentando enganar?* Cedi à tentação de ler mais uma reportagem, agradecendo pelo fato de o homem não ter associado meu sobrenome ao de uma das vítimas. Era o *The Philadelphia Tribune*, o único semanário que Jordan assinava. Não pude deixar de rir com a ironia de seu jornal favorito noticiar algo relacionado à sua morte.

Despedi-me do sujeito e passei os olhos pela manchete que interessava: “Manchado de Sangue: os sobreviventes e herdeiros da Thington motors quebram o silêncio acerca do assassinato dos pais”; e, logo abaixo, a fotografia

de um jovem e de uma garota muito parecidos, que olhavam para a objetiva da câmera com uma expressão apática. À frente deles, espalhadas sobre uma mesa, representações do símbolo que fora reproduzido incontáveis vezes na cena do crime.

Adriela e Robert Northington eram os sobreviventes, dezenove e vinte e três anos respectivamente. Multimilionários, herdeiros da quarta maior fabricante de veículos do planeta. O texto começava assim, exaltando-os, resumindo toda a tragédia que nos cercava a um mero contratempo na biografia de duas personalidades promissoras. Ela, a sofisticação em pessoa: poliglota, amante de pintura, “perpetuadora da elegância orgânica da mãe”; ele, “um rapaz charmoso e de grandes ambições”, destinado a comandar o conglomerado de empresas da família quando o tio decidisse que era hora de se aposentar. Eu conseguia entender o motivo de toda aquela valoração exagerada. Era um ganho para o jornal, era um ganho para Adriela e Robert, e, acima de tudo, era um ganho para o público.

Comumente se pensa que o que atrai atenção das pessoas em uma tragédia é a morbidez, contudo não é bem assim. O que se busca é o espetáculo de criação da beleza por meio do horror. É também a sobrevivência, os milagres... Os Northington eram a encarnação de um milagre. A mancha de sangue à qual se referia o título da reportagem seria a marca que exibiriam, orgulhosos, ao longo de suas vidas, transformando-se num modelo de superação a ser seguido. “Vejam, é assim que deve ser! Não se deve abaixar a cabeça!” Bem, à merda o exemplo de dois branquinhos ricos e mimados! Os nomes dos outros sobreviventes pareciam ter sido esquecidos, assim como os das outras vítimas.

Ao chegar à parte da transcrição da entrevista, amassei o jornal e o joguei no lixo. Não precisava perder o meu tempo lendo uma matéria que fora cuidadosamente preparada e editada com o propósito de apresentar meias verdades. A conversa ali reproduzida decerto seguira um roteiro meticuloso elaborado pela redação do jornal, permeada por uma ou outra observação vaga sobre o que de fato acontecera naquela cabana, vinte e cinco dias antes. Eu tinha coisas mais relevantes com as quais me ocupar no momento.

Fui até a cozinha e apanhei um estilete na segunda gaveta. A Sra. Muñoz continuava perdida em algum cômodo do apartamento, fazendo sabe-se lá

Deus o quê. De joelhos diante das caixas, deslizei depressa a afiada lâmina pela junção das abas. Não sabia qual das duas abrir primeiro...

— Neesa, amanhã este lugar não escapa de uma faxina. — A vizinha retornou à sala de estar coçando o nariz. Congelei. De repente, fui tomada pela sensação de que o que estava fazendo era... errado? Ou melhor, que ao menos deveria descobrir sozinha o conteúdo daquelas encomendas. — Quando foi a última vez que você limpou o seu antigo quarto?

Acatando os pedidos da própria Sra. Munõz, eu havia praticamente me mudado para o seu apartamento, logo ao lado. Transformara o quarto de hóspedes de Regina em um novo lar, para assim evitar conviver com as lembranças de Jordan. Trocara as cortinas e levava minha coleção de filmes para lá, agora organizados em nichos fixados à parede. A mulher chegara a propor que pintássemos o cômodo, substituindo os tons neutros por algum que fosse mais a minha cara, mas eu recusara; tudo estava perfeito daquele jeito. Aos poucos, a bondosa vizinha ia tomando para si a responsabilidade sobre mim nos aspectos legal e afetivo. Aliás, desde o funeral, ela havia cuidado de tudo com uma disposição admirável.

Quem dera isso pudesse me trazer um pouco de paz em vez daquela sensação sufocante.

— Faz bastante tempo, Regina — respondi, impaciente. — Agora, se a senhora puder me dar licença...

A mulher franziu as sobrancelhas, desconfiada.

— O que será que tem aí dentro, *chica*? — especulou ao esticar o pescoço como se fosse capaz de ver através das caixas fechadas.

— Não sei ainda, mas gostaria de descobrir sozinha.

— Certo, certo — disse a Sra. Munõz erguendo os braços em sinal de rendição; isso era uma das coisas que eu mais gostava na mulher: ela não possuía o hábito de insistir. — Só não demore muito, o almoço já está quase pronto.

Após esperar o bastante para que ela tivesse chegado ao seu apartamento, retornei à tarefa interrompida. Dentro das caixas, havia uma grande quantidade de papel picotado, que chegou a transbordar quando as abri. Comecei a retirar os picotes aos punhados, espalhando-os pelo

tapete. À medida que os removía, tive a impressão de ouvir um zumbido vindo do fundo das duas caixas, acompanhado por um brilho tremeluzente, como se houvesse um televisor sintonizado na estática em cada uma delas. Recuei por um instante imaginando as hipóteses mais absurdas.

— Ah, ande logo com isso, Aneesa!

Cheguei ao conteúdo da primeira das embalagens: um amontoado de livros, ora encadernados com espirais, ora revestidos em couro. Pareciam, no fim das contas, diários e pesquisas acadêmicas, do tipo que Jordan costumava orientar. Mas não podiam ser, estavam endereçados *a mim*. Segurei um dos diários em cuja contracapa lia-se: “Observações sobre a manipulação dos eixos”. Folheando-o, percebi que consistia basicamente em anotações, organizadas por dia, dentro de um intervalo de oito meses no ano de 2010. Deixei-o de lado e peguei outro de forma aleatória. Possuía também um título estranho: “Eixo da sensibilidade: impressões”. Ao partir para o próximo, algo chamou minha atenção, pois tive um vislumbre da fonte de iluminação que causava aquele brilho estranho. Seria uma luminária? Livrei-me de todo o material que a cobria e fiquei admirada com o que vi.

Duas esferas de cristal repousavam sobre outro monte de papelotes recortados. Não se comparavam a nada que eu já tivesse visto. Definitivamente era delas que emanava o som baixo e insistente, apesar de, naquele momento, eu não poder afirmar se de fato o ouvia. Porém, delas emanava *alguma coisa*. Intrigada, decidi tocá-las, como se toda a situação estivesse me conduzindo àquilo. Quando a ponta de meu indicador encostou na superfície gélida do cristal, algo se agitou em meu peito; ou talvez em minha própria mente, não saberia dizer com exatidão. De uma hora para outra, passei a sentir falta de algo remoto e impreciso, como se houvesse perdido um pertence especial e só me desse conta da perda anos mais tarde. Vasculhei minha memória num esforço interminável à procura de indícios de seu paradeiro. Onde eu o vira pela última vez? Onde costumava ficar? Meu estômago embrulhou.

Para me ver livre da náusea, fiquei em pé, tomando um dos globos em minhas mãos. O peso era inacreditável, cerca de uns três ou quatro quilos. Caminhei até a janela, pois queria vê-lo iluminado pela luz do sol, que se derramava no assoalho.

A perplexidade apenas aumentou, pois notei que a esfera era preenchida por uma espécie de substância arenosa que flutuava em seu interior. Se não fosse loucura, diria que se assemelhava à íris de um homem. Sim! Era exatamente como um olho humano se lhe faltasse a pupila. Até a cor do elemento preenchedor se aproximava disso: uma coloração castanha, um tanto dourada.

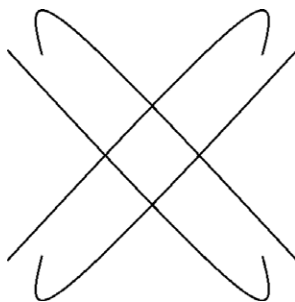
Em transe, voltei àquela que restava. Era uma réplica exata da primeira, a não ser por sua tonalidade — um verde tão claro que chegava a permitir a visão através dele. Convencida de que a outra caixa também carregava objetos semelhantes, joguei os cadernos de dentro dela para o outro lado da sala. E lá estava: um novo par de esferas, uma de cor azul, uma marrom-escura. Quatro, ao total.

Enfileirei-as sobre a mesinha de centro, tomando cuidado para que não rolassem pela superfície. O mais curioso era a maneira como as substâncias se moviam em seus centros, constantemente agitadas por algum tipo de impulso invisível.

— O que diabos são vocês?

A falta de qualquer informação começou a me incomodar. Recorri aos livros que jogara no chão, embora nada ficasse mais claro. Eram só anotações sem sentido, que repetiam a palavra “eixo” muito além do limite do razoável. Suspendi as caixas de ponta-cabeça, despejando o resto de seus conteúdos. De uma delas caiu um folheto menorzinho, o qual chamou atenção por lembrar, em tamanho e aspecto, um manual de instruções. Não era encadernado como os outros e exibia algumas páginas muito gastas. A única coisa escrita na folha de rosto era: “O Ímpeto, de Delátia de Narbona”, sendo o primeiro que exibia o nome do que parecia ser um autor.

O pequeno livreto conseguia ser mais confuso do que os seus pares: falava em forças ocultas do universo e possuía uma tendência deveras mística. Abordava um pouco melhor a dinâmica dos eixos trazida pelas demais obras e, pelo que pude perceber, dividia-os em quatro. No entanto, o que chamou mesmo minha atenção, desviando-me do teor do livro, foi que em sua última página, entremeio a floreios, distinguia-se um símbolo.



Não pode ser...

Busquei na lixeira o exemplar amassado do *The Philadelphia Tribune* para comparar as insígnias, embora fosse desnecessário. O mesmo símbolo que estampava a capa do jornal, dividindo espaço com os herdeiros Northington, destacava-se, tal qual uma ameaça, em um dos livros que eu recebera.



Após informar à Sra. Munõz que não lhe faria companhia para o almoço, trancafiei-me no escritório de Jordan — ele teria ficado orgulhoso! —, afastei o teclado do computador, deixei-me cair na velha cadeira, cujo estofado de couro praticamente não existia mais, e comecei a revirar suas anotações na esperança de obter alguma explicação a respeito dos misteriosos objetos recebidos. Jordan *tinha* de estar ligado a eles...

Por diversas vezes, o homem trouxera artefatos para casa e passara longos períodos debruçado sobre estes, estudando-os. Não só por motivos acadêmicos, em algumas ocasiões foi por pura recreação. Quando imerso nessas análises, até mesmo se esquecia de fechar a porta de sua sala, o que me permitia espíá-lo às vezes. Os curiosos globos de cristal poderiam muito bem ter sido solicitados por ele, só que acabaram chegando *depois* e, por isso, foram parar em minhas mãos.

Nenhum motivo especial, nada fora do comum. Só pode ser um engano, Aneesa.

Examinei cada pasta na qual Jordan guardava testes passados de seus alunos, cada agenda antiga que ele mantinha nos balcões, cada gaveta e

prateleira do aposento. Nada passou despercebido, tanto que, transcorridas duas horas, a bagunça era inimaginável, e, sem dúvidas, inútil.

Voltei à casa de Regina tentando disfarçar o desapontamento. Não me atrevi a levar coisa alguma para lá, exceto o jornal amassado. Quanto às esferas, deixei-as num canto do escritório, cobertas por um lençol.

Atormentada, passei o dia formulando teorias. Telefonei para um colega de Jordan na faculdade, também sem sucesso. À noite, custei a pegar no sono e, ao adormecer, não foi como se pudesse descansar. Para piorar, acordei cedo na manhã seguinte ouvindo o som da chuva contra a janela. Praguejei em silêncio, já que, por conta disso, a corrida matinal estava cancelada. Aqueles passeios haviam sido o ponto alto das últimas semanas. Serviam para distrair, escoar os pensamentos acumulados. Não saberia dizer o quanto me frustrava ser forçada a ficar em casa.

Sob o pretexto de organizar o apartamento de Jordan, escapuli para lá depois do café da manhã. No meio do caminho, cheguei a uma inevitável conclusão: eu estava de todo perdida, sem qualquer pista sobre o significado daquilo tudo e sem conseguir parar de pensar a respeito por um segundo sequer.

O que mais me importunava era o fato de que as esferas surgiram não como uma charada inédita, e sim como *mais uma* em meio a tantas outras que me aborreciam nas últimas semanas. Eu mal havia me acostumado à falta de informações acerca do assassinato de Jordan, caramba!

Embora evidentemente tenha ficado deprimida com a sua morte, decerto o que mais pesara com a partida dele foram as inúmeras perguntas que ela deixara.

A mais inquietante de todas as interrogações: por quê? Por que Jordan morreria? Qual teria sido o motivo que levara alguém a tirar sua vida? Ele era um professor universitário, nem um pouco do tipo que tem inimigos. Dinheiro, com certeza, também não era a resposta. Levávamos uma vida financeira confortável, é verdade, mas não a ponto de esbanjar. Isso sem mencionar que, se a motivação de seus algozes fosse mesmo monetária, as demais vítimas bastariam para satisfazer suas intenções. O que levava à segunda pergunta: qual era a relação entre Jordan e os outros?

Sete pessoas foram sequestradas no total, cinco morreram. Ao que tudo indicava, nenhum vínculo as unia. Teriam os criminosos escolhido de maneira aleatória? Nesse caso, se a resposta fosse positiva, Jordan fora mesmo muito azarado.

E havia, ainda, a falta de informações específicas acerca do que acontecera naquele local remoto da Carolina do Norte. A entrevista fornecida por Adriela Northington, a qual eu tinha revisitado algumas vezes durante a madrugada, era pouco satisfatória. Embora a garota tenha sido levada à cabana, fora mantida em um cativeiro isolado daquele destinado aos demais. Além disso, a polícia do condado local era uma fonte inacessível e, àquela altura, já devia ter sido até desbancada pelos federais. Os investigadores que conversaram comigo não trouxeram nada diferente daquilo que os telejornais noticiavam à exaustão: primeiro, no casebre utilizado pelos criminosos, estavam os sete sequestrados; depois, dois garotos — chamados Dylan e Eric, filhos de algumas das vítimas — apareceram e tudo se transformara numa carnificina por razões desconhecidas.

Eu já tinha buscado entrar em contato com os sobreviventes, é claro, sobretudo com os jovens que chegaram ao cativeiro por conta própria — eu sabia que tentar aproximação com os Northington era loucura, já que a mídia estava em peso no seu encalço. Não fora difícil encontrar as redes sociais dos meninos. Eles eram até que bastante populares, só que, como esperado, jamais houvera retorno.

No fim, acabara me conformando, apesar de ser incapaz de afastar as dúvidas. Agora, apareciam mais peças, uma nova nebulosa de circunstâncias que repetia sem parar: “Aqui, Aneesa, tudo que você precisa para resolver esse quebra-cabeça está diante do seu nariz”.

Com certeza não está!

A chuva continuava a cair lá fora, pude notar pela claraboia acima do átrio do prédio. Inclinei-me sobre a balaustrada, avaliando quais seriam as consequências de fugir até as margens do Schuylkill. Gostava de observar o rio enquanto caminhava. Ficar molhada não seria um problema.

— Que se dane — resmunguei, levantando o capuz do blusão de moletom que vestia.

Mal pisei na calçada e a chuva já me encharcou por inteiro. Porém, não diminuí o passo. Enfiei as mãos nos bolsos do moletom e me coloquei a caminho da rua Walnut.

Foi quando ouvi alguém gritar o meu nome. Um grito exaltado, carregado de alívio. Por uma fração de segundo, cogitei fingir não ter ouvido o chamado, mas reconsiderei. Do outro lado da rua, um garoto saltava de um carro bacana que estava estacionado na esquina com a Irving, abrindo de maneira desajeitada um guarda-chuva. Ele correu até mim. À medida que se aproximava, outros três desceram do veículo — dois rapazes e uma garota.

O instinto me aconselhou a recuar conforme eles iam chegando mais perto, contudo minhas pernas não obedeceram ao comando e permaneci parada até, enfim, poder distinguir o rosto do jovem que me chamava. Aparentava ter uns dezoito anos, tinha cabelos negros e olhos praticamente da mesma cor, emoldurados por óculos retangulares cujas lentes se encontravam muito embaçadas. Eu o reconheci, era um dos sobreviventes do massacre com o qual eu tentara entrar em contato.

Estendeu a mão.

— Oi, Aneesa, espero não ter a assustado — disse, sorridente. — Sou Dylan Ford. Muito prazer.

Receosa, deixei de retribuir o cumprimento. Dylan, entretanto, não se abalou. Àquela altura, os demais já haviam nos alcançado.

— Eu avisei Dylan para pegar leve, mas a discrição não é um dos pontos fortes do meu amigo — falou um dos garotos, simpático. Este tinha cabelos louros e volumosos, olhos verde-claros e feições extremamente bonitas. Também o reconheci. Era aquele que acompanhara Dylan até a Montanha Brown em cinco de julho. — Se é que ele tem *algum* ponto forte.

— Este é Eric Roswell — disse Dylan, calmo, ao que Eric retribuiu com um aceno.

Identifiquei, ainda, Robert e Adriela Northington dividindo o mesmo guarda-chuva. Estavam vestidos de maneira impecável e apurados, diferentemente dos meninos. Se não fosse a descrição de suas idades no jornal, passariam com facilidade por gêmeos, tendo em vista os mesmos narizes empinados, as mesmas sobrelhas fartas e a mesma tonalidade nos cabelos morenos. A única coisa que os desassemelhava era a cor de

seus olhos: os dela, dourados, enquanto os do rapaz eram verdes, um tanto mais opacos que os de Eric.

— Olá, Aneesa — disse Robert. — É bom ver você. Somos...

— Sei quem vocês são — interrompi, tentando não parecer grosseira.

— Ótimo, assim não perdemos tempo e vamos direto ao que importa

— devolveu Adriela sem nem ao menos tentar.

Mantive o contato visual com a garota, arrastando-nos a uma espécie de desafio.

— E o que é que importa? O que querem comigo?

Dylan suspirou, retomando o controle da conversa com sua voz era comedida e firme:

— Nós não temos sido justos com você, Aneesa. Em parte porque não nos era permitido qualquer forma de contato, mas confesso que, também, porque nos deixamos levar pelo comodismo. Manter você fora dessa história toda seria com certeza a solução mais fácil.

— Então vocês sabem quem sou?

— Sim, sabemos que é filha de Jordan e sentimos muito pela sua perda

— disse Dylan com pesar. — Somos os filhos dos que, assim como ele, morreram naquela noite. Fomos nós que enviamos as esferas que você recebeu na manhã de ontem.

Senti a inquietação ganhar força. As peças do quebra-cabeça poderiam ser colocadas em ordem?

— A gente queria ter vindo já na noite passada, mas achamos melhor esperar um pouquinho. Em breve você vai entender o porquê — comentou Eric subindo e descendo no meio-fio. — Só que ficamos com medo de você ter se livrado das esferas, ou coisa pior.

— Será que a gente pode conversar em outro lugar? — Adriela reclamou.

— Meu cabelo vai ficar *destruído* se continuarmos nesta chuva.

Ocupada na tarefa de processar a surpresa daquele encontro, minha mente transformou-se em quietude e vazio; nem mesmo a outra Aneesa estava presente para formular algum comentário.

Dylan se adiantou, colocando-me debaixo de seu guarda-chuva, embora o gesto já não fosse de nenhuma utilidade.

— Aqui, Aneesa, sei como deve estar confusa e zangada por não termos aparecido antes. Prometo que vamos explicar tudo. Sobre os assassinatos, sobre as esferas... Sobre o que mais você quiser saber. Tem algum lugar aqui perto onde possamos conversar?



Escolhemos uma lanchonete que ficava a duas quadras de distância. Durante o percurso, todos se mantiveram em silêncio, o que me deixou bastante contente. Dessa maneira, pude me dedicar à tarefa de reorganizar os pensamentos. Após semanas coletando dúvidas, ao que tudo indicava era chegada a hora de esclarecê-las. Sentia-me como Neo, prestes a conversar com Morpheus e ser apresentada às pílulas.

Sentamo-nos a uma mesa nos fundos do restaurante, que não estava lá muito movimentado. Eric foi o único a pedir alguma coisa para comer — um combo de *cheeseburger* com batatas fritas. Dylan fez questão de ocupar a cadeira à minha frente. Ao seu lado, acomodou-se Robert.

— Não sei por onde começar — falei assim que a garçonete se afastou.
— Como vocês me conhecem, afinal? Quer dizer, seus rostos estão em todos os lugares. Na televisão, nos jornais e na internet. Agora, quanto a mim...

Dylan respirou fundo e cruzou as mãos sobre a mesa. Antes que pudesse começar, no entanto, Eric interveio:

— A gente sabia que Jordan tinha uma filha, mas não sabíamos o nome dela. Foi só quando você tentou entrar em contato que a reconhecemos.

— Então vocês chegaram a ler a mensagem que enviei?

— Sim — falou Dylan, envergonhado. — E peço desculpas por não ter retornado. Como eu disse antes, não tínhamos permissão.

— Como assim, não tinham permissão?

Dylan pigarreou e fechou o rosto.

— Olha, em primeiro lugar, quero deixar claro que há, no seu atual estado de ingenuidade, certa segurança, e, se você estiver disposta a acreditar no que vou dizer, essa segurança já era — alertou em um tom sombrio.

— Deixa de enrolar, cara — repreendeu Eric.

Dylan apenas o ignorou.

— Conhece Shakespeare?

— Quem não conhece Shakespeare? — retruquei, desconfiada.

— Não estou me referindo ao senso comum acerca de Shakespeare — rebateu o garoto. — É claro que todo mundo sabe do que se trata *Romeu e Julieta*, *Macbeth* ou *Otelo*. O ponto é: já leu alguma coisa do velho Bill na íntegra?

Balancei a cabeça.

— Acho que não.

— Bem, no primeiro ato de *Hamlet*, logo após conversar com o espírito do pai e descobrir a verdade sobre o tio, o príncipe se dirige ao seu amigo da seguinte forma: “Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha sua filosofia” — citou Dylan, solene. — Horácio é um estudante, ou seja, preza pelo racional. No entanto, assim como Hamlet roga na própria peça, às vezes é preciso dar as boas-vindas ao que é estranho à racionalidade e, assim, renunciar à segurança que a dúvida e a ignorância trazem consigo.

— Aonde você quer chegar?

— Ao cerne da questão, Horácio. Aquelas esferas que lhe enviamos não são objetos *comuns*. — Ele trocou olhares furtivos com os companheiros, como se requeresse permissão para ir em frente. — São prisões. Aprisionam em seu interior um grande segredo. Nós as chamamos de invólucros, e nossos pais eram seus protetores, vinculados a uma sociedade que, por sua vez, acobertava a eles e a esse segredo: a Custodiet.

Retirou dos bolsos um pedaço de papel amassado. Ao desenrolá-lo sobre a superfície da mesa, lá estava o símbolo, o mesmo encontrado na cabana, o mesmo do livro de Delátia de Narbona, o mesmo que rondava minha mente como um inconveniente alerta de que algo estava muito errado.

— Familiar? — indagou Dylan.

Assenti, mordendo o lábio.

— Esse é o símbolo d'O Ímpeto, adotado pela Custodiet como seu emblema. — Dylan fez uma longa pausa. Sondava-me com cuidado, demorando-se entre uma fala e outra. — É uma sociedade altamente restrita, mas que possui abrangência e influência global. Foi a Custodiet que nos impediu de ir atrás de você quando assumimos o posto de nossos pais depois do cinco de julho.

— Espere aí, o que significa essa coisa de Ímpeto?

O título daquele pequeno livreto brilhava como um letreiro neon em minha mente.

Dylan se manteve calado, permitindo que Robert assumisse a dianteira depois de um tempo:

— É uma força, Aneesa. E, ao mesmo tempo, um conceito. Por acaso você é religiosa? Acredita em Deus? — As indagações me pegaram desprevenida, contudo me obriguei a respondê-las positivamente, com um meneio. — Então deve saber que há um momento singular na Criação, o momento em que tudo que antes não era passa a ser. É essa transição que interessa. “No princípio, criou Deus os céus e a terra”, fala-se em Gênesis. Existe aí um verbo, uma ação, mas sobretudo uma força. Essa força está presente em todo mito criacionista e, indo mais longe, também podemos pensar em uma propulsão, na origem, para o universo tal qual o conhecemos sob a ótica da ciência: o Big Bang, por exemplo. O fato é que não há como sabermos *de que forma* ou quando se deu a origem; por outro lado, nós temos a resposta de *o que* proporcionou a origem: isso é O Ímpeto.

Massageei as têmporas. A sensação era de que havia alguém cutucando meu cérebro com um alicate e, infelizmente, Robert não tinha terminado sua exposição.

— O Ímpeto é, nada mais, nada menos, que o ânimo primordial de todos os organismos vivos e do meio em que vivem, bem como o que mantém o equilíbrio entre eles. No entanto, era uma força muito densa no início. Então, quando a ordem se estabilizou, O Ímpeto se desmembrou em quatro eixos — com o indicador, tocou cada uma das linhas sobrepostas do símbolo desenhado na folha amassada —, os quais separadamente continuam o compondo. Três desses eixos podem ser observados, garantindo que tudo

que é vivo assim permaneça. Um deles foi aprisionado dentro dos invólucros que você recebeu ontem e, conseqüentemente, retirado de nosso convívio.

Embora não quisesse parecer indelicada, não segurei um muxoxo.

— Me corrija se eu estiver errada: você está tentando me convencer de que Jordan, meu pai, fazia parte de uma sociedade secreta que protege quatro esferas de cristal e que essas esferas, se não bastasse, contêm um segmento de uma força fundamental da natureza? Um segmento *aprimado*?

O silêncio serviu como anuência. Os quatro estavam vidrados em mim, apreensivos. Tinha certeza de que esperavam que eu fosse dar as costas a eles e ir embora. E talvez eu devesse mesmo fazer isso. Em vez disso, respirei fundo e joguei a cabeça para trás, libertando uma forte gargalhada.

Ri até a barriga doer, até os olhos lacrimejarem. Em certo ponto, eu nem sabia mais por que estava rindo, mas me convenci de que não podia parar.

— Sabe, não era nossa responsabilidade revelar isso a você, *pochemu-chka* — disse secamente Adriela, que estivera bastante ocupada com suas cutículas até então. — Era um dever de Jordan, só que ele morreu antes de você atingir dezoito anos, a idade suficiente, e a Custodiet se aproveitou disso para deixá-la de fora.

E cruzou os braços em despeito.

— Me deixar de fora? O que isso significa?

Houve uma breve hesitação por parte dos garotos, em especial de Dylan.

— Eles simplesmente não permitiriam que você assumisse o lugar de Jordan — disse o garoto. — Iriam se aproveitar do seu desconhecimento e distribuir os cargos de protetores entre nós quatro, os herdeiros biológicos e, saliento que isso não reflete minha opinião, “puros”. Um para cada invólucro, como o habitual.

Foi como se uma antiga ferida começasse a sangrar de novo. Lembrei-me do jardim de infância, quando as outras crianças, da mesma forma, preferiam me deixar *de fora*. A diferença era que no jardim de infância eu ainda não compreendia que aquilo estava ligado à cor da minha pele.

— Não é algo que se possa tolerar — Dylan acrescentou. — Por isso, resolvemos fugir da Custodiet e assumimos o encargo de contar toda a verdade para lhe dar o poder de escolha. É a coisa certa a se fazer.

A garçonete voltou à mesa com o pedido de Eric antes que eu pudesse responder. Este se adiantou, abocanhando pelo menos seis batatas fritas de uma vez.

— Tudo bem, suponhamos que eu *escolha* acreditar em tudo isso... Ainda assim, qual é a relação da Custodiet e dos invólucros com o assassinato dos nossos pais?

— Absoluta — disse Robert. — A cada quatro anos, os invólucros são movidos de uma sucursal da Custodiet para outra. Essa movimentação, chamada de Protocolo de Moção, estava marcada para o fim de junho e levaria as esferas da Filadélfia até Londres. Estava tudo certo para a viagem, seria a primeira vez que minha irmã acompanharia os protetores, inclusive. Quando eles seguiam para a sede da Custodiet, contudo, foram interceptados e levados até a Montanha Brown, na Carolina do Norte. O resto... Bem, o país inteiro conhece o desfecho dessa história. A questão é que os sequestradores desejavam colocar as mãos nos invólucros e os destruir. Para isso, tentaram fazer com que os protetores abrissem mão da proteção que conferiam às esferas. Só que a Custodiet não se rendeu tão fácil, assim como nossos pais. O que acabou colocando um ponto-final naquela loucura, ainda que da pior maneira possível, foi a chegada de Dylan e Eric, que, de algum modo, conseguiram descobrir onde eles estavam.

De súbito, fiquei em pé, andando de um lado a outro para desopilar. A lanchonete parecia girar com a quantidade de informações que me havia sido despejada. Os outros clientes especulavam o que eu estaria fazendo, supus. Uma funcionária, em certo momento, perguntou se eu precisava de ajuda, mas não lhe dei atenção.

Jordan fazia parte de uma sociedade secreta. As misteriosas encomendas que eu recebera no dia anterior não só supostamente encarceravam, dentro de si, um dos eixos de uma força elementar chamada Ímpeto, como também eram a causa de um massacre. Por fim, eu quase havia sido privada da verdade por conta de minha origem, ou melhor, por não ser “pura”, na opinião dos dirigentes da mesma sociedade.

— Aneesa, por favor... — Ao me dar conta, Dylan estava do meu lado.
— Eu sei o quanto é difícil processar...

— Deve saber mesmo... — falou a verdadeira Aneesa. — Até porque me parece que você teve bastante tempo pra isso. Mas e quanto a mim? Só agora perceberam que eu também sou parte disso?

Dylan olhou para os lados, inquieto. Era nítido que não queria chamar atenção.

— Olha, você tem todo o direito de agir como quiser. Eu assumo nossa culpa e aceito qualquer reação que venha de sua parte. Mas eu suplico, Aneesa, respire fundo e volte a se sentar. Não queremos que alguém nos reconheça. — Baixou a voz a um sussurro atribulado: — Não aguento mais passar por isso. Por favor...

Sem mover um músculo sequer, parada em frente ao balcão, estudei-o. Parecia mesmo exausto. Exibia grandes olheiras, os olhos estavam fundos nas órbitas, e o cabelo, desgrenhado. As pontas de seus dedos estavam machucadas, provavelmente porque não havia restado unhas para que roesse. O nervosismo exalava de seu semblante.

Decidi dar-lhe um voto de confiança.

— Quais são os eixos? — indaguei baixo, recompondo-me. Dylan não entendeu de imediato. — D'O Ímpeto. Vocês disseram que ele se desmembrou em quatro eixos e um deles foi aprisionado nos invólucros. Quais são eles? O que essas esferas guardam que é tão valioso a ponto de haver uma sociedade que as protege e, mais que isso, a ponto de ter gente disposta a matar por esse segredo?

O menino venceu sua resistência e anunciou, pela primeira vez sem pestanejar:

— O eixo da vida permitiu às criaturas que vivessem. O do destino designou a sua sina. O da sensibilidade permitiu aos seres vivos que criassem laços e conexões entre si. — Fez uma pausa. — Esses são, por óbvio, aqueles que ainda se mantêm livres. O que foi aprisionado, uma essência muito mais antiga do que podemos conceber, que era componente adicional de tudo que existe, na falta de um termo mais adequado nomeamos como eixo da magia.